

QUEM TEM MEDO DO FEMINISMO?

CÍNTIA LIMA CRESCÊNCIO*

RESUMO

Ao se pensar na produção de um trabalho teórico na área de história, comumente são convocadas categorias que serão as responsáveis por embasar a discussão ao longo da escrita. É nesse sentido que o presente artigo propõe a discussão de uma categoria bastante específica e, com frequência, estabelecida como dada: feminismo. Entendendo o feminismo como movimento, acontecimento, discurso, proponho a reflexão sobre a própria historicidade do termo feminismo, com o objetivo de desvendar os variados sentidos que podem ser atribuídos à expressão. Para isso faço uso de três caminhos que se entrecruzam: a análise de conceitos de dicionários; a reflexão sobre noções de feminismo estabelecidas pelas próprias teóricas do feminismo, e por último a exploração dos discursos sobre feminismo de um órgão de imprensa, no caso, a revista *Veja*.

PALAVRAS-CHAVE: Categoria, feminismo, historicidade.

ABSTRACT

When you think about the production of a theoretical work in the field of history, commonly categories have to be brought up to base the discussion. That is why this study is aimed at discussing a very specific category often established as already given: feminism. Taking part from an understanding of feminism as movement, event, discourse, this paper proposes a reflection on the very historicity of the term feminism in order to unravel the different meanings that can be attributed to it. To this end, three paths that intersect each other are used: (i) the analysis of concepts of dictionaries, (ii) reflection on notions of feminism established by feminist theorists, and (iii) the exploitation of discourses about feminism from a Brazilian press company: *Veja* magazine.

KEYWORDS: Category, feminism, historicity.

Na infância fui questionada sobre o medo do lobo mau; durante a graduação o medo comum era de Foucault, como bem lembrou Tânia Navarro Swain. Atualmente, levando uma pesquisa adiante, pergunto-

* Mestranda em História – UFSC; Bolsista CNPQ

me: quem tem medo do feminismo¹? Certamente outros já se questionaram anteriormente sobre este assunto, provavelmente tenham surgido algumas respostas. Então, o que é esse feminismo que causa medo? Por que causa medo? Devemos ter medo do feminismo? Para pensar sobre isso, creio que é necessário que se compreenda o que é esse feminismo, desmembrando-o enquanto categoria passível de análise e detentora de uma história própria.

Para tentar desenvolver essa proposta de se pensar o feminismo enquanto categoria analítica, pretendo separar este texto em três pequenos blocos: no primeiro abordarei algumas definições de feminismo presentes em dicionários e livros que se ocupam em explorar conceitos; no segundo pretendo pensar o feminismo a partir de algumas teóricas do feminismo que, mesmo não se ocupando em definir objetivamente o que é feminismo, em seus escritos trazem algumas concepções históricas fundamentais para se pensar essa categoria; e no terceiro e último bloco pretendo pensar brevemente o feminismo a partir de meu objeto de pesquisa, a revista *Veja* (1971-1976)².

Nesse sentido, parto da premissa de discurso enquanto prática, ou seja, se dicionários, livros e teóricas propagam noções de feminismo, essas noções estão sendo incorporadas e ressignificadas, atingindo pessoas e formando subjetividades.

Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação (ORLANDI, 2009: 21).

A partir do excerto de Orlandi, portanto, destaco esses discursos analisados como situações complexas que marcam o movimento, movimentos de sujeitos que falam dentro de um contexto imediato, um contexto amplo. As noções de feminismo propagadas, dessa maneira, não se perdem no tempo, em meio às páginas amareladas de livros e revistas, mas permanecem, porque são bem mais que transmissão de informação, visto que atravessam e são atravessadas pela própria história.

¹ Tomo como premissa a existência de feminismos, compostos pelas mais variadas correntes de pensamento e, também, por diferentes lutas políticas. Entretanto, visando à fluência na escrita, faço uso da expressão feminismo em função das próprias referências utilizadas.

² Esse recorte está baseado no acirramento do debate no Brasil. A partir de 1971 a discussão sobre os feminismos estrangeiros já é freqüente, e em 1975 é decretado o Ano Internacional da Mulher pela ONU, fazendo com que o tema feminismo se torne uma pauta. Com esse breve recorte e com a seleção de alguns trechos de *Veja*, objetiva-se mostrar a emergência do feminismo no Brasil.

Na definição do *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* (2009) feminismo é uma doutrina que preconiza o aprimoramento e a ampliação do papel e dos direitos das mulheres na sociedade, sendo ainda uma teoria que sustenta a igualdade política, social e econômica de ambos os sexos e também uma atividade em favor dos direitos e interesses das mulheres. Enfim, conceitualmente, em que o termo é apresentado no singular, feminismo tanto é uma prática como uma teoria que defende os direitos das mulheres.

Já em *Dicionário de Política* a definição de feminismo apresenta-se historicamente organizada, no sentido de que é elaborada uma diferenciação dos diferentes momentos históricos do feminismo. Objetivamente, como definição de feminismo o dicionário apontou:

Com este termo, indica-se um movimento e um conjunto de teorias que tem em vista a libertação da mulher. Esse movimento nasceu nos Estados Unidos, na segunda metade da década de 60, e se desenvolveu rapidamente por todos os países industrialmente avançados, entre os anos 1968 e 1977 (ODORISIO, 2002: 486).

Na menção inicial, portanto, o dicionário em questão apresenta o termo feminismo como estando inicialmente ligado ao movimento e às teorias surgidas na década de 1960, destacando a de libertação da mulher. Na sequência a definição aponta para outros rumos mais antigos, remontando ao século XIX e destacando as diferenças entre libertação e emancipação.

O termo libertação é entendido como contraposto ao conceito de emancipação dos movimentos do século XIX, de que o Feminismo contemporâneo constitui a fase extrema e, ao mesmo tempo, a superação. A luta pela emancipação consistia na exigência da igualdade (jurídica, política e econômica) com o homem, mas mantinha-se na esfera dos valores masculinos, implicitamente reconhecidos e aceitos. Com o conceito de libertação, prescinde-se da “igualdade” para afirmar a “diferença” da mulher, entendida não como desigualdade ou complementaridade, mas como assunção histórica da própria alteridade e busca de valores novos para uma completa transformação da sociedade (ODORISIO, 2002: 486).

Essa definição, portanto, acentua a diferença entre o feminismo da chamada primeira onda, que teve como marco a luta pelo sufrágio feminino, pela educação, e o feminismo da chamada segunda onda, surgido na segunda metade do século XX. Conceitos de emancipação e libertação caracterizariam cada um desses momentos, diferenciando-os, sendo que hoje a prevalência seria do movimento de libertação da

mulher, pautado na diferença, no sentido de se construir a igualdade. Na sequência, essa definição argumenta que o feminismo tem como ponto fundamental a especificidade da opressão sofrida por todas as mulheres³.

No título *Teoria cultural de A a Z*, em que são apresentados conceitos considerados importantes para se compreender o mundo contemporâneo, como bem apresenta o título, a definição segue no mesmo sentido do dicionário anterior.

A essência do feminismo é a crença de que as mulheres são subordinadas aos homens na cultura ocidental. O feminismo procura libertar as mulheres dessa subordinação e reconstruir a sociedade de forma que o patriarcado seja eliminado e que se construa uma cultura completamente inclusiva em relação aos desejos e propósitos das mulheres. Existem muitos tipos diferentes de teoria feminista, mas todas têm esses objetivos em comum. Elas diferem nas visões particulares de como seria uma sociedade reconstruída e nas estratégias que empregam para alcançá-la (EDGAR; SEDWICK, 2003: 124-125).

Em um texto relativamente simplista, o feminismo é apresentado como essencialmente crente na subordinação das mulheres aos homens, subordinação essa que seria o alvo de ataque dessa teoria que primária pela transformação através da inclusão. Seguindo no mesmo sentido do *Dicionário de política*, a diferenciação entre o feminismo do século XIX e o da década de 1960 é também elaborada.

Enquanto o feminismo inicial enfatiza a igualdade política e econômica com os homens, o feminismo que teve seu início nas décadas posteriores à Segunda Guerra Mundial objetivava alcançar uma compreensão mais completa e mais sofisticada da natureza cultural da opressão. Para essa “segunda onda”, as feministas observam as formas pelas quais as próprias instituições culturais baseiam e perpetuam a subordinação das mulheres. Em especial, as feministas rejeitam a suposta universalidade dos valores masculinos. Em vez destes valores, sustentam, as mulheres, para se emancipar totalmente do patriarcado, devem observar as próprias experiências a fim de criar seus próprios valores e identidades (EDGAR; SEDWICK, 2003: 125).

³ Essa definição foi elaborada pela Prof.^a Dr.^a Ginevra Conti Odorisio, professora titular de História do Pensamento Político na Università degli Studi Roma em que leciona História da Questão Feminina. Nessa mesma universidade a referida professora coordena o Centro Internacional de Estudos da Mulher na História e Sociedade. Disponível em: http://www.europarl.europa.eu/meetdocs/2009_2014/documents/femm/dv/conti_odoros/co_ni_odorosio.pdf. Acesso em: 08 jun. 2010.

Assim, a separação entre primeira e segunda onda feminista está afirmada dentro desses discursos, no sentido conceitual. A segunda onda, ao contrário da primeira, teria, portanto, um caráter mais transformador e não tanto reivindicativo no que tange a igualdades políticas e econômicas. A partir desses dois conceitos, pode-se supor que nessa perspectiva a primeira onda feminista teria reivindicado, atingido seus objetivos políticos e educacionais e se apaziguado, enquanto o feminismo da década de 1960, impulsionado ainda por um novo contexto em que os movimentos sociais tomavam força, teria buscado objetivos maiores e mais profundos, ao tentar modificar a própria lógica social.

No *Dicionário de Filosofia* o feminismo é situado a partir do século XVIII enquanto movimento de emancipação e libertação das mulheres, tendo sua origem estritamente vinculada à emergência da Revolução Francesa. Nesse verbete o feminismo é segregado em três fases distintas.

A primeira fase parte de 1790 até 1920. Nela eram reivindicados direitos civis igualitários, sendo que seu cenário de ação teriam sido os Estados Unidos e a Inglaterra (ABBAGNANO, 2007: 507). Uma segunda fase abrange de 1920 a 1960, momento que seria de crise do movimento em seus países de origem, mas também nos países que tiveram regimes totalitários instaurados. Nesse contexto são lembradas as figuras de Virginia Woolf e Simone de Beauvoir (ABBAGNANO, 2007: 508). Na terceira e última fase o verbete segue até tempos mais contemporâneos:

3) *Da diferença às diferenças (1960-1995)*. No período iniciado nos anos 1960, também conhecido como “segunda onda” do F., assiste-se ao reaparecimento, com maior riqueza e diversificação, tanto do movimento das mulheres como organização de luta para a conquista de objetivos concretos (aborto, divórcio, contracepção, auxílio à maternidade, reconhecimento da homossexualidade, eliminação da discriminação em todos os campos da vida social, igualdade de oportunidades, ação positiva e outros) quanto do pensamento especificamente feminista sobre o problema e a natureza das mulheres. As regiões em que mais se desenvolveu o debate teórico e político ligado a esse pensamento foram – e ainda são – Inglaterra, Estados Unidos, França e Itália (ABBAGNANO, 2007: 508).

Assim como ocorreu nos outros verbetes e definições, nesse caso também a última fase do movimento feminista, surgida em meados da década de 1960, obteve mais destaque no sentido de ser definida enquanto potencialmente transformadora, dando-se destaque inclusive

às suas bandeiras de luta e reivindicações. Nesse escrito é ainda ressaltada a existência de movimentos de mulheres⁴ que, no entanto, não se consideravam feministas.

A partir do que foi até agora exposto, o que se pode destacar é a consonância desses escritos em classificar a primeira e a segunda onda feministas como essencialmente distintas, no sentido de terem explorado frentes de luta diferentes.

Eis algumas definições formais. Entretanto, para levar este trabalho adiante proponho que nosso objeto de análise recaia sobre teóricas do feminismo, pessoas mais ou menos conhecidas que de uma maneira mais objetiva ou velada propuseram-se pensar sobre este acontecimento discursivo e “físico” que foi e ainda é o feminismo. Dessa maneira, pretendo refletir sobre essas falas, articulando-as posteriormente ao meu atual projeto de pesquisa que apresenta como objeto de análise os discursos da revista *Veja* sobre o feminismo durante a ditadura militar brasileira. Assim, para clarificar e complexificar a categoria feminismo que é o cerne de meu trabalho, objetivo pensar sobre os sentidos e formas dados ao feminismo ao longo da história por meio da escrita.

Conforme Andréa Lisly Gonçalves, o movimento feminista, principalmente o norte-americano, teria nascido sob o impulso da luta contra a escravidão, ainda na primeira metade do século XIX. Gonçalves relembra ainda a escritora inglesa Mary Wollstonecraft, que ainda no século XVIII publicou *Reivindicação dos direitos da mulher*, obra traduzida por Nísia Floresta e publicada no Brasil em 1833 (GONÇALVES, 2006: 18).

Já Branca Moreira Alves e Jacquelinny Pitanguy (2006: 18) localizam no século XIV uma das primeiras feministas. Como é de se supor, os pesquisadores e pesquisadoras são sutis ao tentar delimitar uma data para o surgimento do feminismo por motivos óbvios. Considerando-se o feminismo enquanto um acontecimento que tenha como objeto maior reivindicações que levem em consideração a questão feminina, torna-se bastante complexo delimitar o nascedouro de tal prática, na medida em que ela originou-se em distintos momentos, sob diferentes influências e motivações. Ou seja, se formos refletir sobre o

⁴ Movimentos de mulheres referem-se a movimentos organizados, compostos por mulheres que tinham como meta melhorias de vida, isto é, defendiam a construção de creches, a baixa de preços, acesso à saúde. Essas reivindicações também faziam parte das bandeiras feministas, no entanto os movimentos de mulheres não se entendiam enquanto feministas, além de não levarem em conta uma ideia de exploração que seria comum a todas as mulheres.

princípio de manifestações com caráter feminista, acabaremos imersos na busca da origem das origens.

A clássica segregação entre primeira e segunda onda feminista, em que a primeira se caracterizaria basicamente pela luta por direitos civis no fim do século XIX e início do século XX e a segunda seria a nascida na década de 1960, com a emergência dos movimentos sociais nos Estados Unidos, é por si só problemática, visto que não acompanha os movimentos da própria história, estando apenas propensa a uma noção de onda que surge e consigo arrasta adiante tudo o que vê e toca. Dessa maneira, a própria história do feminismo já vem sendo contestada, no sentido de que esse modelo de onda desconsidera ações que não estejam sendo desenvolvidas nos países que são apontados como cenário de luta feminista⁵.

De acordo com Clare Hammings, essa narrativa se estabelece no sentido de “fornecer uma narrativa de progresso incansável ou de perda, proliferação ou homogeneização” (2009: 215). Dessa maneira, a própria narrativa que se ocuparia de contar a história do feminismo estaria presa a essas noções, que amarram e encaixam cada peça no seu espaço do tabuleiro, porém caem na ideia de progresso ou de homogeneização.

O feminismo dos anos 1970, de acordo com essa perspectiva, portanto, seria essencialista e/ou ingênuo. Já o dos anos 1980, feminismo negro e da “guerra dos sexos”, e o da década de 1990, o famoso feminismo da “diferença”. Estaríamos, portanto, entrando em uma terceira onda que teria começado ainda na década de 1990, em que um feminismo pós-estruturalista estaria desconstruindo a própria noção de mulher. Hammings critica essa percepção por ser simplista, denotar uma marcação de território anglo-saxão e ainda apresentar as teóricas pós-estruturalistas como heroínas dentro de um feminismo que teria tomado rumos equivocados.

Além disso, destaco que teóricas que marcaram a história do feminismo, como Simone de Beauvoir e Betty Friedan, estariam aquém dessas noções de onda, na medida em que, temporalmente, suas obras estariam avulsas, apesar de terem sido assimiladas pelas correntes feministas posteriores.

A crítica da autora recai exatamente sobre um discurso unívoco que tende a recusar tudo o que foi anteriormente produzido no que

⁵ Podemos citar como exemplo o próprio feminismo brasileiro, criticado na época de seu surgimento, meados da década de 1970, por ser apenas um “filhote” do feminismo norte-americano, mas que, em distintos tempos e a partir das mais diferentes influências, adequou-se e foi adequado pelo cenário que o envolvia.

concerne ao feminismo, sob a justificativa de que esse feminismo já não serve, está ultrapassado e, dessa maneira, precisa ser substituído pelo novo, notadamente as escritas feministas de influência pós-estruturalista. Ora, nós, historiadores e historiadoras, sabemos mais do que ninguém o valor do que foi produzido há mil ou há 20 anos, independente dos “equivocos” que ali residam. A meu ver, o importante de ser evocado dentro do texto de Clare Hammings, bastante esclarecedor para apresentar um panorama geral do feminismo mais recente, é a própria inviabilidade de se referir a feminismo e não a feminimos, não só em função da diversidade histórica do feminismo, mas também em função das variadas frentes de luta.

No singelo *O que é feminismo* de Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy é elaborada uma tentativa de elucidação do feminismo para o público em geral. Apesar da simplicidade da obra, a partir dela podemos extrair essas ideias de feminimos no plural, visto que na história já não tratamos coisa alguma como um bloco opinativo. Nele as autoras apresentam frentes de luta que concernem ao feminismo: sexualidade e violência, saúde, ideologia, formação profissional e mercado de trabalho (ALVES; PITANGUY, 2006: 59). Basta pensarmos nessas frentes quando aplicadas a diferentes realidades sociais, diferentes classes, diferentes raças/etnias. Cada grupo irá apresentar um tipo específico de reivindicação que estará intrinsecamente ligado a sua realidade, afinal uma mulher pobre e negra certamente não terá as mesmas necessidades que uma mulher branca de classe média. Creio que essa observação singela serve mesmo para se pensar o feminismo no plural, mesmo que, por razões semânticas, ele seja citado no singular, em função de ser essencialmente uma teoria e uma prática que luta pelos direitos das mulheres.

Rose Marie Muraro, símbolo dos embates no campo do feminismo no Brasil, atuando nas décadas de 1970 e 1980 no comando da Editora Vozes e exercendo forte influência nas práticas feministas brasileiras, afirmou:

É com o feminismo que a mulher aprende a adquirir uma identidade autônoma, isto é, deixa de ver-se com os olhos do homem e passa a ver-se com seus próprios olhos, tal como multimilenariamente fez o homem (MURARO, 2001: 105).

Em meio a afirmações de que a mulher foi historicamente oprimida e subjugada pelo homem, de que mundos feminino e masculino são díspares, agarrando-se a Freud e à noção de complexo de castração feminino, Muraro apontou o papel que o feminismo teve

em sua visão. Assim, o feminismo, enquanto acontecimento, teria possibilitado às mulheres que se entendessem enquanto sujeitos de sua própria história e não mais como seres inferiores.

Muraro elaborou talvez, nesse livro, o que Elisabeth Badinter ocupou-se de criticar. Conforme esta última, o feminismo muitas vezes teria se ocupado demais em acusar o sexo masculino de opressão, esquecendo-se de teorizar sobre a igualdade, lastro primordial do feminismo (BADINTER, 2005: 23).

Elaborando forte crítica ao feminismo da década de 1990, Badinter acusa muitas feministas de fazerem um retrocesso, naturalizando novamente as mulheres, luta que já teria sido enfrentada por Simone de Beauvoir em 1940. Focando-se no campo biológico para fazer suas considerações, Beauvoir dedicou-se a condenar a ideia de se perceber a sociedade enquanto uma espécie, em que tudo e todos eram determinados biologicamente. Para a feminista francesa, na sociedade

a espécie realiza-se como existência; transcende-se para o mundo e para o futuro; seus costumes não se deduzem da biologia; obedecem a esta segunda natureza que é o costume e na qual se refletem os desejos e os temores que traduzem sua atitude ontológica (BEAUVOIR, 2009: 69).

Para Badinter, as recentes gerações do feminismo teriam retrocedido, ao acusarem constantemente os homens e sua sexualidade:

Ao querer ignorar sistematicamente a violência e o poder das mulheres, ao proclamá-las constantemente oprimidas e, portanto, inocentes, traça-se em negativo o retrato de uma humanidade cindida em dois e pouco conforme a verdade. De um lado, as vítimas da opressão masculina, do outro, os carrascos onipotentes, para lutar contra essa situação, vozes feministas cada vez mais numerosas investem contra a sexualidade masculina, apontada como a raiz do problema. Ao fazê-lo, elas delineiam os contornos de uma sexualidade feminina em contradição com a evolução dos costumes e redefinem uma “natureza feminina” que acreditávamos esquecida (BADINTER, 2005: 92).

Badinter, com o simbólico título *Rumo equivocado*, acusa o feminismo do final do século de enredar-se em meio à teoria e perder o foco de vista. Afinal, se o objetivo primordial do feminismo é buscar a igualdade política, social e econômica de ambos os sexos, além de visar à transformação da própria sociedade, ao buscar-se um culpado ou ao se produzir o maniqueísmo, a diferença estará apenas e novamente sendo reforçada.

Nesse sentido, Andrea Nye atribui a Beauvoir a responsabilidade de um feminismo radical que nasceria décadas depois.

O modo de Beauvoir ver as mulheres sempre como escravas e os homens sempre como senhores foi herdado por várias gerações de feministas inglesas e norte-americanas. Foi cunhado um nome para denotar a dominação universal das mulheres pelos homens – patriarcado. A amplidão dos temas tratados em *O segundo sexo* preparou o caminho para alegações feministas radicais de que: o patriarcado é a constante universal em todos os sistemas políticos e econômicos, que o sexismo data dos inícios da história; que a sociedade é um repertório de manobras nos quais os sujeitos masculinos firmam o poder sobre objetos femininos (NYE, 1995: 119-120).

Assim, as herdeiras de Beauvoir, principalmente nos Estados Unidos e Inglaterra, teriam se ocupado de reforçar modelos pautados em noções de vítima e opressor⁶. Ora, não chegam a ser novidade as distintas apropriações da obra *O segundo sexo* ao longo da história e por todo o mundo, por vezes até com problemas de tradução e interpretação.

O importante de se destacar diante dessas opiniões teóricas é exatamente o que une estes feminismos, seja o da década de 1970, considerado essencialista, ou da década de 1980, que se pautou na noção de guerra dos sexos, ou ainda o da década de 1990, chamado de feminismo da diferença, sem contar o tal feminismo pós-estruturalista que, segundo Clare Hammings, não descobriu a pólvora ao desconstruir a própria noção de mulher. E o que os une é o cerne do feminismo em suas “origens”, sejam elas no século XIV ou XIX: a luta pelos direitos das mulheres. Com gradativas incorporações, essa noção de mulheres foi sendo estendida, passando a incluir brancas ou índias, pobres ou ricas, analfabetas ou doutoras, donas-de-casa ou empresárias.

Ao pensarmos o feminismo enquanto categoria passível de análise, creio que é necessário estabelecer o objetivo maior do feminismo, apesar das diferentes correntes que a partir dele foram se elaborando. Entendendo o feminismo enquanto teoria, prática, movimento, acontecimento real e discursivo, podemos compreendê-lo enquanto imbricado nas próprias idas e vindas históricas. É nessa perspectiva que pretendo pensar a categoria feminismo nas próximas páginas, com a revista *Veja* trazendo a público diferentes noções de

⁶ Noções que teriam sido combatidas a partir da década de 1990 quando teóricas, sob a influência de Michel Foucault, passam a considerar a circularidade do poder.

feminismo. Noções por vezes equivocadas, por vezes debochadas, estereotipadas e, não raramente, reflexivas.

Em edição de 21 de abril de 1971, *Veja* entrevistou ninguém menos que Betty Friedan, trazida ao Brasil, vale lembrar, por esforços de Rose Marie Muraro. A famosa feminista americana recheou as famigeradas páginas amarelas da revista *Veja*, em cujo primeiro parágrafo é assim descrita:

Baixa, de nariz pronunciado, cabelos grisalhos e voz quase rouca, Betty Friedan não possui um tipo físico atraente. Empolga-se quando fala – e fala muito. Seus gestos são vigorosos (talvez pretendam até ser dominadores). E, na conversa mais informal, ela dá a impressão de estar fazendo uma conferência para um auditório universal (*Veja*, n. 137, 21 abr. 1971, p. 3).

Acompanhada de uma foto pouco favorável da feminista, a entrevista começou dando seu tom. Betty Friedan não é atraente, fala bastante e tem gestos dominadores. O estereótipo da feminista feia que pretende dominar o mundo está formado. Rose Marie Muraro, falando também de Betty Friedan declarou: “Ela era muito feia e agressiva, e daí em diante passou a fazer parte do inconsciente coletivo brasileiro como o modelo de mulher que as outras, as que quisessem continuar femininas, não deveriam imitar” (MURARO, 2001: 17). Eis uma amostra do tipo de feminismo difundido pela revista *Veja*. Feminismo ligado a mulheres feias, dominadoras, agressivas, masculinizadas, mal-amadas, enfim, motivos que, acreditava-se, levariam uma mulher a levantar esse tipo de bandeira.

Em coluna humorística de 12 de abril de 1972, intitulada *O seqüestro*, Millôr Fernandes destaca, ora com clareza, ora com discrição, algumas características desse feminismo que vinha assolando diferentes países ao redor do mundo. Ao narrar um suposto seqüestro sofrido por um homem, paralelo a um esforço mais que humano de sua esposa para libertá-lo com o pagamento do resgate, o escritor assim finaliza seu texto:

Mas aí, ao que parece, o esforço terrível de lutar contra o destino já a tinha tirado de sua submissão, do seu conformismo de mulher-objeto. Ela tinha amadurecido tanto, que pensou bastante e decidiu: “Ora, depois desse esforço todo eu sou, naturalmente, uma líder feminista; não dependendo, nem posso depender, de um único homem para sobreviver nesta sociedade patriarcal, cheia de porcos chovinistas [sic]. A essa altura meu marido deve estar um monstro, sem nem sequer o encanto do seu machismo. Sabe o que é?, vou guardar o dinheiro, comprar ações do

Banco do Brasil preferenciais ao portador, entrar prum desses Movimentos de Libertação da Mulher e arranjar um outro marido inteirinho. Falei et dix” (FERNANDES, 1972).

Podemos começar destacando a expressão “lutar contra o destino”. Simone de Beauvoir, autora da obra considerada ícone do movimento feminista de segunda onda, *O segundo sexo*, faz uso da palavra destino inúmeras vezes para argumentar contra o destino biológico ao qual às mulheres estão sujeitas. Em um ataque à perspectiva de Freud, que afirma ser a anatomia o destino, Beauvoir contesta o fator biológico desse destino feminino, afirmando-o como fruto do social (BEAUVOIR, 2009: 66). Millôr, portanto, se apropria de uma expressão símbolo do feminismo para demonstrar a “superação” da mulher, o que a torna uma “líder feminista”, segundo ele. O uso dessa expressão também é bastante simbólica, visto que no Brasil o movimento feminista acaba emergindo vinculado a nomes específicos que, dentro de possibilidades marcadas, conseguiram encabeçar as ideias feministas. Em seguida o escritor aponta a esposa contestando a necessidade de depender de um único homem, fazendo referência a tal promiscuidade sexual que seria o objetivo feminista. Finalizando, a esposa consciente de sua submissão resolve adquirir ações do Banco do Brasil, instituição então dirigida pelo regime militar, e deixa seu marido à mercê de sequestradores. Nessa leitura, essa mulher feminista, além de colaborar com o regime, mesmo que indiretamente, ainda comprova-se egoísta e egocêntrica, uma alegoria ao feminismo como um todo que, ao invés de dar foco a uma luta considerada mais global, contra a ditadura, a censura, estaria preocupada com seu próprio bem-estar⁷. Com essa análise não se busca revelar uma verdade oculta atrás do texto, mas sim buscar um sentido para ele (ORLANDI, 2009: 26), sentido este que é marcado pela crítica de Millôr Fernandes ao nascente feminismo brasileiro.

Na coluna Comportamento do dia 17 de maio de 1974, noticiam-se os movimentos feministas articulando-se no sentido de debater o papel e significado do Dia das Mães e aproveita-se para alfinetar o feminismo brasileiro.

Mesmo o desarticulado feminismo brasileiro, que se esforça por copiar o americano (como, aliás, tem acontecido com outros modismos importados), já tomou conhecimento de que é necessário descobrir uma

⁷ O feminismo brasileiro, apesar de ter tomado grande impulso frente às organizações de esquerda durante o regime militar, era muito criticado por fragmentar uma luta que, na visão de esquerda, deveria ser contra o regime e não a favor das mulheres.

outra maneira de se comemorar um dia dedicado às mães (O Dia das Mães, *Veja*, 17 maio 1974, p. 74).

Deixando de lado o tema da coluna, o que temos é uma crítica ao feminismo nacional que seria apenas mais um modismo importado dos Estados Unidos. Novamente sobressai um tipo de feminismo que, aqui no Brasil, nada mais seria que uma cópia. Vale lembrar a lenta infiltração de ideias e livros que traziam como objeto de reflexão a “questão feminina”.

Em longa reportagem de 25 de junho de 1975, a revista anunciou mulheres que teriam práticas feministas, mas que não se identificam com o feminismo.

Sem feminismo – Sem dúvida, essa declaração soa estranha quando pronunciada por pessoas que estudam, discutem e defendem a “causa”. Mesmo não sendo feministas, algumas dessas mulheres, cerca de dez, estarão no México para encontros e seminários paralelos à Conferência. Quanto às feministas oficiais, representantes do governo, elas também fazem questão de dizer que não são feministas, até muito pelo contrário (Feministas e as mulheres, *Veja*, 25 jun. 1975, p. 66).

O evento ao qual se refere a matéria é a Conferência Mundial do Ano Internacional da Mulher, que reuniu mulheres do mundo inteiro, inclusive brasileiras, na Cidade do México, para debater questões relativas às mulheres. Mas o que quero destacar na citação é esse feminismo praticado por mulheres que não se dizem feministas. Acredito que essa prática está profundamente articulada ao título e às primeiras considerações no início do presente texto – afinal, se ser feminista pressupõe masculinidade, feiúra, comportamento agressivo, desagradável, quem gostaria de ser assim tachado?

Demonstrando novamente sua intimidade com o assunto, Millôr Fernandes, em coluna de 8 de setembro de 1976, questiona: “E se, de repente, nós provarmos que o feminismo faz parte do *eterno feminino*?” (FERNANDES, 1976). Forçando uma relação bastante problemática entre o feminismo e o *eterno feminino*, categoria muito criticada pelas feministas por vincular a figura da mulher à figura de mãe, santa, em um sentido naturalista e essencialista, perspectiva profundamente recusada pelas teóricas do feminismo, Millôr levanta a possibilidade de o feminismo fazer parte da natureza das mulheres, portanto faz uma nítida tentativa de provocação. O escritor, assim, buscou biologizar o feminismo, como resposta à tentativa das mulheres de não biologizar o sexo feminino.

Trouxe essa pequena amostra de minha fonte que possibilita uma rica discussão sobre o assunto, para poder pensar em quão complexo é delimitar uma noção de feminismo, na medida em que a própria nomeação de quem é feminista ou de quem pratica o feminismo é complexa. Ter pequenas ações no dia-a-dia que visam à igualdade entre os sexos seria uma prática do feminismo? Ou apenas atuar politicamente dentro dos movimentos sociais em defesa dos direitos das mulheres poderia ser caracterizado enquanto feminismo?

Saliento a complexidade já apontada por Clare Hammings em tratar do feminismo enquanto segregado em ondas que desconsideram movimentos dispersos, ondas estas que, no sentido didático, podem ser bastante esclarecedoras, mas que ao final empurram-nos a ideias de narrativa progressiva e evolutiva, sempre pautadas em ações externas e que desconsideram, por exemplo, a própria realidade nacional.

A descrição dos dicionários aqui citada faz exatamente essa linha evolutiva, em que o feminismo aparece como um movimento crescente que aos poucos vem encontrando rumos mais específicos e acertados. Hammings vai além e destaca a própria diferença dentro da segunda onda, segundo ela, marcada por diferenças que tendem a ser criticadas em função da própria superação de certas ideias.

Dentro de um debate teórico próprio do campo feminista, o que se destaca é exatamente o fato de não ser o feminismo um bloco unívoco de pensamentos e pensadores, visto que este também é um campo em disputa.

A revista *Veja*, brevemente apresentada e citada, segue em um encaixe distinto, na medida em que não teoriza sobre o assunto, nem se ocupa em defini-lo, entretanto apresenta discursos sobre o feminismo ligados a estereótipos e a própria recusa do “rótulo feminista”, visto que ele denomina elementos que desagradam as mulheres e homens engajados nessa causa ou nos quais não se vêem identificados. Assim, esse veículo divulga para o público noções de feminismo que, muitas vezes, não condizem com as pretensões feministas.

Reforço a pergunta elaborada no título deste trabalho: quem tem medo do feminismo? Por que ter medo do feminismo? Pois bem, julgo complexo não temer uma categoria, um movimento, uma prática, um acontecimento como o feminismo. Afinal, apesar de todos os equívocos que podem ter sido cometidos, tanto ao historicizar quanto ao praticar ou teorizar sobre o feminismo, ele se ocupou-se de contestar uma ordem vigente e fortemente estabelecida. Ele foi imerso em uma carga simbólica difícil de ser dispensada que o liga a uma série de estereótipos e modelos binários que poucos se agradam de subverter, inclusive as próprias feministas.

O feminismo, enquanto categoria passível de análise, não estanque, não conceitualmente demarcada, apresenta-se, do meu ponto de vista, como elemento riquíssimo de reflexão para pensarmos os próprios movimentos da história brasileira, buscando sim compreender que feminismos o Brasil viu nascer ou morrer, e o entender como acontecimento histórico partícipe das idas e vindas da História.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacquelyny. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BADINTER, Elizabeth. *Rumo equivocado: feminismo e alguns destinos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS 3. Versão monousuário 3.0. Junho de 2009. Instituto Antônio Houaiss. Editora Objetiva. Programa.
- EDGAR, Andrew; SEDWICK, Peter (Eds.). *Teoria cultural de A a Z: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo*. São Paulo: Contexto, 2003.
- FEMINISTAS e as mulheres. *Veja*, n. 355, 25 jun. 1975. Coluna Comportamento.
- FERNANDES, Millôr. O seqüestro. *Veja*, n. 188, 12 abr. 1972.
- _____. Livre-pensar: é só pensar. *Veja*, n. 418, 08 set. 1976.
- FRIEDAN, Betty. Guerra às panelas. *Veja*, n. 137, 21 abr. 1971. Entrevista.
- HAMMINGS, Clare. Contando estórias feministas. *Estudos Feministas*, v. 17, n. 1, 2009.
- MURARO, Rose Marie. *Os seis meses em que fui homem*. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2001.
- NYE, Andréa. *Teoria feminista e as filosofias do homem*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.
- O DIA das Mães. *Veja*, n. 297, 15 maio 1974. Coluna Comportamento.
- ODORISIO, Ginevra Conti. Feminismo. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Org.). *Dicionário de política*. 12. ed. Brasília: Ed. da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- ORLANDI, Eni. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.

